

## PLATAFORMIZAÇÃO DIGITAL: um debate sobre neoliberalismo e educação na cultura digital

*Digital platformization: a debate on neoliberalism and education in digital culture*

Rafael Lazzarotto Simioni<sup>1</sup>  
Edmara Barra dos Santos<sup>2</sup>  
Ricardo Magno dos Anjos<sup>3</sup>

**Resumo:** Este ensaio problematiza a complexa relação entre plataformas digitais e o paradigma neoliberal na assim chamada “cultura digital” na educação. Após um certo distanciamento histórico do frenesi tecnológico que dominou tanto as decisões empresariais quanto as políticas de governo, hoje a comunidade científica observa com mais discernimento o caráter ambivalente das tecnologias de informação na educação, as quais, ao mesmo tempo em que conectam as pessoas, também as afastam; facilitam o acesso à informação, mas também à desinformação, fake news e discursos de ódio; estruturam as práticas pedagógicas, mas também produzem dispersão da atenção. Por meio de uma metodologia analítica e técnica de revisão literária estruturada, conclui-se que as plataformas digitais na educação não são apenas ferramentas

<sup>1</sup> Pós-Doutor em Teoria e Filosofia do Direito pela Universidade de Coimbra, Doutor em Direito pela Unisinos, Mestre e bacharel em direito pela UCS. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade (Mestrado e Doutorado) da Univás e Professor do PPGD/FDSM. E-mail: simioni@ufmg.br. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/0651879354342863>

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade – PPGEducS da Univás. Professora no curso de Psicologia Univás. E-mail: edmarabarrasantos@gmail.com. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/4725925314931249>

<sup>3</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade – PPGEducS da Univás. E-mail: oricardomagno@gmail.com. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/0377536186311993>

pedagógicas imparciais e desinteressadas, mas ambientes de aprendizagem que reestruturam um novo conceito de educação, marcado pelo protagonismo dos valores neoliberais que, dentre outras coisas, promove uma ruptura da cultura da educação como emancipação.

**Palavras-chave:** Educação; Neoliberalismo; Cultura digital; tecnologias de informação.

**Abstract:** This essay problematizes the complex relationship between digital platforms and the neoliberal paradigm in the "digital culture" in education. After a historical distancing from the technological frenzy that dominated both business decisions and government policies, today the scientific community observes with more discernment the ambivalent nature of information technologies in education, which, while connecting people, also alienate them; facilitate access to information, but also to misinformation, fake news, and hate speech; structure pedagogical practices, but also produce attention dispersion. Through an analytical and technically structured literature review methodology, it is concluded that digital platforms in education are not just impartial and disinterested pedagogical tools, but learning environments that restructure a new concept of education, marked by the protagonism of neoliberal values. This cause a rupture, among other things, with the culture of education as emancipation and, precisely for this reason, need to be debated.

**Keywords:** Education; Neoliberalism; Digital culture; Information technologies.

## INTRODUÇÃO

Quando Manuel Castells publicou *The Rise of the Network Society* em 1996 ele nem imaginava que seu estudo de sociologia se tornaria a bíblia do *grow up* do Vale do Silício. O diagnóstico de uma sociedade que não possui mais um centro de comando, mas sim redes policêntricas

258

de informação e saberes; um mundo de conhecimentos sem fronteiras, tanto físicas ou geográficas quanto temporais; uma forma de sociedade global nas quais as distâncias espaço-temporais já não constituem obstáculos para as interações sociais, dentre outras características do mundo globalizado, não foi apenas um diagnóstico científico de um mundo em profundas transformações decorrentes da internet e das tecnologias de informação, mas talvez uma *self fulfilling prophecy* de Robert Merton, a profecia que promove sua própria realização, que inspirou o desenho conceitual e o modelo de negócio das redes sociais de internet das *big-techs*.

Poucos anos depois, esse modelo de pensamento da “sociedade em rede” já produzia inspirações também para profundas transformações no conceito de educação e de ambientes de aprendizagem. Ao invés dos muros fechados das escolas, plataformas digitais construídas sob redes colaborativas de aprendizagem; no lugar do professor como autoridade pedagógica, como detentor do monopólio dos saberes, uma figuração de mediadores da construção cooperativa dos saberes; substituição as aulas chatas, monótonas, enfadonhas e sem utilidade prática por plataformas gamificadas, divertidas, inspiradoras, vibrantes, coloridas, repletas de recursos multimídias que exortam a imaginação para saberes ilimitados, para aprendizagens cosmopolitas, para um novo conceito de educação segundo o qual a escola tradicional, baseada na leitura, escrita e atenção às aulas e avaliações, já se tornava uma escola tradicional, obsoleta, incompatível com um mundo e um mercado de trabalho que exige inovação, empreendedorismo e o domínio de saberes técnicos.

Mas para onde foram os ideais de uma educação emancipadora? O que aconteceu com a leitura de narrativas literárias, poesias, contos? O que aconteceu com o domínio da escrita? Não só da escrita, mas da

capacidade de comunicação em diferentes contextos da sociedade para além dos grupos conectados em redes sociais de internet? Por que a educação, hoje, parece ter se limitado a uma mera ferramenta para o desenvolvimento de habilidades técnicas e capacidades profissionais para o mercado de trabalho?

Passados alguns anos do frenesi da cultura digital, a comunidade científica começa a apresentar reflexões importantes sobre a relação entre o paradigma neoliberal e as tecnologias de informação na educação, que apresentam características notadamente ambivalentes: ao mesmo tempo em que elas conectam as pessoas, também as afastam; produzem acesso à informação, mas também acesso a desinformação, *fake news*, discursos de ódio e outras práticas nefastas para a formação de um senso de comunidade e de civilização; produz referências inspiradoras de moralidade, integridade e ética política, mas também oportuniza o contato com ações deletérias das relações sociais e das estruturas da alteridade. Essas ambivalências da técnica como ideologia dos anos sessenta, muito estudada por autores como Adorno, Horkheimer, Marcuse, Habermas e outros, também está presente, hoje, nas tecnologias de informação.

No que segue, este ensaio problematiza essas questões para observar a complexa relação entre plataformas digitais e o paradigma neoliberal na assim chamada “cultura digital”. Para tanto, objetiva-se descrever a) o sentido da educação em uma cultura digital e como ela produz transformações no próprio conceito de educação; para depois b) analisar os efeitos que as tecnologias de informações produzem sobre a noção de qualidade da educação. A conexão entre cultura digital e plataformas digitais na educação permite abrir a perspectiva da c) educação neoliberal, que não é exatamente um problema, mas uma escolha política que precisa ser melhor debatida pela comunidade

científica, especialmente porque o neoliberalismo privilegia um conceito de educação voltado para d) a formação de mão de obra para o mercado e e) para o empreendedorismo e não a emancipação do sujeito.

Para serem alcançados estes resultados, este ensaio utiliza uma metodologia analítica, baseada em uma técnica de revisão literária não sistemática, segundo a qual a escolha das referências procura não seguir uma cronologia temporal ou geográfica, mas a literatura de referência produzida sobre a problemática. Essa técnica de pesquisa não sistemática permite um lapso temporal e uma dimensão espacial mais abrangente e rica de investigação e assenta-se em uma compreensão estrutural do conjunto de saberes produzidos sobre a temática. Na forma de um ensaio científico, portanto, esta investigação procura resgatar as principais referências discursivas da formação da noção de cultura digital e dos efeitos que ela produz sobre o próprio conceito de educação no mundo contemporâneo.

Esta pesquisa é resultado dos estudos realizados no âmbito da disciplina “Tecnologias, redes e mídias digitais na educação”, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Sociedade da Universidade do Vale do Sapucaí, ministrada pelos professores Dr. Rafael Lazzarotto Simioni, Dr. Diego Pereira e Dra. Juliana Bussolotti, em diálogo com as pesquisas do Grupo de Pesquisa Educação e Direitos Humanos do PPGEDUCS/Univás.

## **1. EDUCAÇÃO NA “CULTURA DIGITAL”**

Cultura digital é o nome que se dá à relação que estabelecemos com o mundo mediada por ferramentas digitais, especialmente aquelas baseadas na internet. A cultura digital na educação se opõe à cultura

física, quando precisávamos ir à escola em horário e lugar determinado e quando o conhecimento exigia uma mediação física com os ambientes e instrumentos de aprendizagem. Na cultura digital, a aprendizagem não tem lugar, tampouco hora marcada, para acontecer, porque o conhecimento se encontra disponível para acesso em qualquer lugar e em qualquer tempo, desde que, claro, o estudante tenha os recursos tecnológicos necessários para esse acesso e a infraestrutura de vida adequada a esse novo ambiente de aprendizagem.

Apesar de existirem poucas e incipientes pesquisas científicas sérias sobre os benefícios ou vantagens dessas novas formas de aprendizado baseadas em plataformas digitais, a cultura digital geralmente é apresentada, tanto por empresas privadas que vendem plataformas digitais, quanto pelo governo que define as políticas públicas de educação, com entusiasmo e motivação. No Programa Mais Educação do Ministério da Educação do Governo Federal (s/d, p. 2), por exemplo, a cultura digital é apresentada como uma oposição aos muros fechados da escola tradicional. Dentro desses muros reais e imaginários, no entanto, poderia existir leitura, poesia, teatro e outras inúmeras práticas julgadas tradicionais e obsoletas pela cultura digital, que também são formas de se ultrapassar os “muros fechados das escolas tradicionais”. De qualquer modo, a cultura digital também se fundamenta em outras práticas apresentadas como inovadoras: colaboração, metodologias ativas, gamificação, letramento em redes sociais de internet e em *softwares* de dição de textos, imagens e músicas. A inovação é tão associada à cultura digital que a própria noção de inovação se tornou praticamente sinônimo de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs). As palavras passaram a caminhar juntas: “tecnologia e inovação”.

Se por um lado parece haver um exagero fideísta nos benefícios da cultura digital para os ambientes de aprendizagem tanto nos países centrais, quanto nos periféricos, por outro não se pode negar alguns benefícios muito importantes desenvolvidos por essa cultura, especialmente os relacionados à acessibilidade do conhecimento. Claro que a mesma internet que permite o acesso sem precedentes na história a todas as formas de saberes é a mesma que também faz circular desinformação, excesso de entretenimento e narrativas de ódio que segregam injustamente grupos sociais. A mesma tecnologia que aproxima, que conecta as pessoas, também as afasta, também produz segregação. A mesma tecnologia que permite a globalização e a instantaneidade dos saberes, também permite a globalização e instantaneidade desde doutrinas tolas como o terraplanismo, até perigosas como os discursos de ódio. Infelizmente os últimos 10 anos demonstraram que a democratização da informação não foi uma constante empírica da cultura digital.

A ambivalência tecnológica é importante para a compreensão da nossa cultura digital. A mesma técnica que salva vidas também pode matar. As mesmas ferramentas que propiciam a inclusão também produzem novas formas de exclusão. Plataformas digitais de educação não são apenas recursos tecnológicos para melhorar a qualidade do ambiente de aprendizagem: elas também promovem profundas transformações nesse ambiente, cujos efeitos sequer conhecemos e só podem ser, no momento, conjecturados. É possível que os estudantes gastem mais tempo com entretenimento do que com estudos e que as ferramentas digitais desenvolvidas para ajudar no processo de aprendizado também desviem a atenção dos estudantes para games ou vídeos de entretenimento que não só não contribuem para esse processo, mas também competem com ele, prejudicam o processo.

A permeação onipresente da cultura digital em nossa vida cotidiana, destaca Bortolazzo (2020 p.369), demanda uma análise fundamentada nos Estudos Culturais. Isso porque, as tecnologias digitais estão intrincadamente imbricadas nas práticas culturais de cada sociedade. Elas não são meros artefatos externos, mas sim componentes intrínsecos que contribuem para a tessitura da cultura contemporânea. Ao considerar esse aspecto, torna-se evidente que as TDICs desempenham um papel fundamental na configuração de nossa maneira de viver e pensar.

Bortolazzo (2020 p.368) sinaliza que “A Cultura Digital carrega a baliza de algo novo e uma perspectiva, na maioria das vezes, positiva do futuro, emergindo máximas sobre novas possibilidades e oportunidades educacionais.” Isso ocorre especialmente por meio do aproveitamento de plataformas digitais, que são ambientes virtuais projetados para facilitar a interação, transações e compartilhamento de informações entre os usuários. Mas por outro lado, a cultura multimídia das plataformas digitais reduz significativamente o tempo dedicado à leitura e à escrita. A leitura de poesia e narrativas literárias, por exemplo, passa a competir com jogos, documentários visuais, séries e filmes ou histórias em quadrinhos animados, cujos efeitos são desconhecidos e imprevisíveis para a formação de um ambiente de aprendizagem adequado. Algumas pesquisas críticas começaram a sinalizar, inclusive, uma relação prejudicial das plataformas digitais de aprendizagem na qualidade da educação (Desmurget, 2019, p. 32), embora sejam estudos em fases ainda embrionárias.

## **2. TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO: A CONVERGÊNCIA ENTRE CULTURA DIGITAL E NEOLIBERALISMO**

A utilização de recursos tecnológicos sempre marcou a prática da educação desde seus primórdios. Instrumentos de análise e avaliação, lições mediadas por professores, ilustrações e recursos didáticos sempre fizeram parte das práticas educativas da sociedade. Assim também nas formas institucionalizadas de ensino e aprendizagem, que hoje chamamos de escola, são imprescindíveis os recursos como lousas, cadernos, apostilas e hoje, com a implementação também de recursos digitais, os instrumentos técnicos de informática.

França, Rabello e Magnago (2018 p.106) destacam que o uso crescente de tecnologias móveis, como celulares e tablets, tem se tornado uma prática comum entre alunos e educadores em diversas regiões do mundo. Segundo as autoras, esses dispositivos desempenham um papel fundamental no acesso à informação, na otimização da gestão do tempo e na promoção de abordagens inovadoras para a aprendizagem (França, Rabello & Magnago, 2018 p.106).

Diversificadas ferramentas tecnológicas contemporâneas englobam, de maneira notável, um conjunto abrangente de plataformas digitais, cuja presença nos ambientes de aprendizagem se destaca como elemento significativo. Google for Education, Microsoft Teams e até mesmo o Zoom são largamente utilizadas e os docentes são inclusive instigados por políticas governamentais a incorporar o uso delas, para proporcionar supostas melhorias no processo de ensino e aprendizagem. Recursos pedagógicos inovadores, como se diz. Contudo, emerge um discurso contraditório, que sustenta a ideia de que, sem a incorporação dessas ferramentas na educação, a eficácia do ensino pode ser questionada ou mesmo comprometida.

De acordo com as investigações de Ideland (2021 p. 33), as plataformas digitais, os jogos didáticos, o material didático digital e o desenvolvimento profissional relacionado ao ensino digital representam

componentes substanciais e inter-relacionados no contexto do empreendedorismo educacional contemporâneo. Esses elementos não apenas compõem um cenário significativo no mercado educacional, mas também são reconhecidos como fundamentais para a construção de práticas pedagógicas alinhadas às demandas do século XXI (Castro, Virginia e Yolanda, 2022).

Outro efeito interessante observado por Ideland (2021 p. 34) é a transformação, após o advento das plataformas digitais no ambiente educacional, da tradicional autoridade do professor como a fonte primária e mais confiável de conhecimento na sala de aula. A introdução desses dispositivos, muitas vezes, desencadeia uma transformação nas dinâmicas de poder e na percepção da autoridade do educador. A confiança historicamente depositada no professor como detentor do saber é, em parte, deslocada para as tecnologias digitais, gerando reflexões sobre o papel do docente no processo de ensino e aprendizagem. Ferreira (2018 p. 40) também observa em suas pesquisas a mudança do papel do professor advinda das tecnologias atuais no ensino e Zuin (2017, p. 18) confirma esse diagnóstico ao tratar do cyberbullying contra professores como um dilema da autoridade dos educadores “na era da concentração dispersa” provocada pelas plataformas digitais em geral e o Youtube em particular.

O fenômeno descrito por Ideland sinaliza uma mudança paradigmática, na qual a transição para um ambiente educacional mediado por plataformas digitais pode implicar não apenas na incorporação de novas ferramentas, mas também em uma reconfiguração das relações de poder e na percepção da autoridade pedagógica. Elas transformam a dinâmica educacional, alterando a maneira como o conhecimento é adquirido, transmitido e valorizado.

É inquestionável que os benefícios inerentes à integração de tecnologias educacionais são vastos, constituindo um ferramental de relevância ímpar tanto para o discente quanto para o docente. A perspicaz observação de Means (2018 p. 326) reforça esse entendimento, situando-o no contexto mais amplo das políticas e governança da educação computacional. Nesse panorama, a educação tradicional se vê metamorfoseada em um projeto maturado para a disrupção, onde a aprendizagem é concebida de maneira inovadora, assumindo a forma de uma plataforma digital.

Um dos princípios fundamentais propugnados pelos defensores do aprendizado em plataforma, notadamente destacados nos bastidores do Vale do Silício e em fóruns de corporações educacionais e filantropias de risco, reside na capacidade de viabilizar o aprendizado em qualquer local e momento. Este paradigma transcende as barreiras físicas das escolas e salas de aula tradicionais, permitindo que a busca pelo conhecimento ocorra de maneira onipresente. Essa flexibilidade temporal e espacial propicia uma abordagem educacional mais adaptativa e personalizada, alinhada com as demandas contemporâneas por acessibilidade e mobilidade. Dessa forma, a convergência entre tecnologia e educação desvela-se como um catalisador para a transformação do cenário educacional, redefinindo paradigmas e delineando novas fronteiras para a construção do conhecimento na sociedade moderna.

De acordo com as análises de Ideland (2021 p.34), torna-se evidente a existência de uma interconexão entre o paradigma neoliberalista e a cultura digital que permeia o cenário educacional contemporâneo. O neoliberalismo, enquanto estrutura ideológica, caracteriza-se pela ênfase na livre iniciativa, na minimização da intervenção estatal e na promoção da competição como motor de

desenvolvimento. Esses princípios encontram ressonância na cultura digital da educação, na medida em que a tecnologia é frequentemente vista como uma ferramenta que impulsiona a inovação e a eficiência, alinhando-se com os preceitos do mercado.

Em síntese, pode-se perceber que as plataformas digitais desempenham um papel crucial nessa convergência entre o neoliberalismo e a cultura digital na educação. Ao facilitarem a entrada de empresas comerciais no sistema educativo, essas plataformas contribuem para uma reconfiguração das metas educacionais, muitas vezes orientando-as em direção a objetivos mais alinhados com as demandas do mercado. Isso, por sua vez, tem implicações profundas sobre o que é considerado como o propósito fundamental da educação, moldando as expectativas em relação ao que os alunos devem aprender.

A presença de empresas comerciais no ecossistema educacional, impulsionada pela ascensão das plataformas digitais, introduz dinâmicas que transcendem o simples fornecimento de recursos tecnológicos. Ela influencia a definição de competências valorizadas no contexto profissional, a orientação das práticas pedagógicas e a própria concepção do que constitui uma educação eficaz (Ferreira e Monteiro, 2022). O encontro entre o paradigma neoliberalista e a cultura digital na educação não reflete apenas uma mudança nos meios de entrega do conhecimento, mas sobretudo redefine os fins educacionais, orientando-os para os imperativos do mercado e do empreendedorismo educacional.

### **3. NEOLIBERALISMO NA EDUCAÇÃO**

O pensamento liberal foi um paradigma político, filosófico, econômico e jurídico muito importante na Europa no século XIX. Rompendo com as tradições mercantilistas e patrimonialistas dos impérios e reinos absolutistas do início da modernidade, o liberalismo valorizava princípios como a liberdade individual, livre iniciativa de empreendimento, livre concorrência, tolerância, dignidade e proteção da vida. No campo econômico, o liberalismo afirmava a importância da garantia da propriedade privada contra o latifúndio dos reis e imperadores, a economia de mercado contra o monopólio dos meios de produção e a ausência e minimização do controle estatal contra o mercantilismo.

A abolição da escravidão, a Revolução Industrial e o surgimento de uma nova cultura dos direitos humanos no século XIX foram importantes conquistas civilizacionais do pensamento liberal, mas as desigualdades produzidas por aquele modelo de desenvolvimento econômico exigiram novas abordagens, novas configurações. Tanto nas artes quanto na ciência, os efeitos nefastos do empoderamento econômico passaram a constituir o centro do debate. A narrativa literária “O Germinal” de Émile Zola é ilustrativa dessa questão no campo da literatura da época. O livre mercado também significou livre exploração da mão de obra trabalhadora e as promessas do liberalismo pareciam ter se esvaziado em vantagens seletivas, restritas a pequenos grupos sociais empoderados.

O mesmo liberalismo que prometia liberdade, dignidade e proteção da vida, paradoxalmente aumentou as desigualdades sociais, a pobreza e a seletividade no domínio dos meios de produção necessários para o empreendedorismo. Entre comunistas, socialistas e capitalistas, o liberalismo começava a apresentar suas fragilidades, as quais foram colocadas em xeque em 1929, ocasião da quebra da bolsa

de valores dos EUA, que tornou importante uma nova discussão: a necessidade de atuação do Estado na economia de mercado como um ator importante, não mais central, mas igualmente importante para evitar e corrigir os efeitos colaterais da economia de livre mercado. A *invisible hand* de Adam Smith e David Ricardo foi questionada por Keynes e, no contexto da crise de 1929, já não havia dúvidas de que um novo modelo de economia política se fazia necessário. O neoliberalismo foi uma resposta a essa questão. Entre perspectivas socialistas, comunistas e capitalistas, o neoliberalismo foi uma resposta possível para mediar a questão do grau de intervenção do Estado na economia.

O neoliberalismo é, portanto, um desenvolvimento, uma correção de rota, um ajuste do paradigma liberal do século XIX. Um novo paradigma de economia política bastante complexo e sofisticado. Desenvolvido a partir da crise do liberalismo econômico de 1929, ele foi inicialmente pensado como uma tentativa de resposta às experiências liberais e sociais da Europa e USA. Um ajuste tanto no exagero liberal da não intervenção do Estado na economia, quanto no outro extremo de um controle demasiadamente invasivo do Estado sobre a livre iniciativa e livre mercado. Assim, o neoliberalismo pode ser sintetizado como uma doutrina que aborda política e economicamente a defesa da diminuição da interferência do estado na economia, que propõe que os serviços públicos sejam privatizados, e entre outros fatores, que preconiza desregular os mercados. Seus pressupostos sugerem ainda que a eficiência, a livre iniciativa e a competição dão o norte à organização socioeconômica.

Para Anderson (1996):

Tudo que podemos dizer é que este é um movimento ideológico, em escala verdadeiramente mundial, como o capitalismo jamais havia produzido no passado. Trata-se de um corpo de doutrina coerente, autoconsciente, militante, lucidamente

decidido a transformar todo o mundo à sua imagem, em sua ambição estrutural e sua extensão internacional (Anderson, 1996, p. 56).

Tal movimento, de um modo geral, propaga na sociedade o progresso econômico sem a interferência do Estado na economia, e age com seus mecanismos, para atingir inclusive direitos fundamentais como a educação, a tratando como um produto ou serviço. Além de que, propõe a redução de gastos do Estado, buscando com isso, a retomada do crescimento, assegurar a concorrência livre do mercado, embora isso provoque desigualdade social (Stankevecz; Bertoncini, 2021). Para Bertazi e Colacios (2023):

O cerne da agenda neoliberal pode ser compreendido pela busca da reforma do Estado, da sociedade e do jurídico, valorização ou mesmo o domínio das decisões de mercado sobre as sociais, estímulo ao desenvolvimento das forças produtivas, menor regulação estatal sobre a economia e temas correlatos (Bertazi; Colacios, 2023, p. 3).

Friedrich Hayek (1899-1992) e Milton Friedman (1912-2006), precursores do neoliberalismo, endossam em suas obras, entre outros aspectos, a diminuição do Estado e da economia sem intervenções, onde o mercado deve ser livre, seguindo uma espécie de ordem espontânea, autorregulação, que preservaria a liberdade, e assim, a dignidade humana, assegurando a individualidade, frente ao poderio dominante da economia, aglutinador de funções, pois quanto mais atuação do Estado, a liberdade seria reduzida, quanto menos, a liberdade estaria então, garantida. Mas, na prática, não se concretizou tão simplório assim, como se foi vendido.

No sistema neoliberal, o mercado é o foco preponderante, e a educação é considerada suscetível a mercantilização. Assim, a partir dessa abordagem, a educação sai do contexto político-social e adentra ao mercado para servir aos seus interesses. E isso afeta a educação de

várias formas, visto que, leva a comercialização e a privatização, ocasionando uma série de fatores como a redução dos investimentos públicos e ao desenvolvimento de uma educação de qualidade disponível somente para quem consegue pagar por este serviço, deixando de lado os menos favorecidos. Para Dalbosco, Cenci e Doro (2023):

A bandeira neoliberal do Estado mínimo cumpre um papel decisivo nesse processo, uma vez que inibe os investimentos do Estado em educação e lança as instituições em uma luta por recursos que invariavelmente perverte suas finalidades educativas. Não bastasse isso, o Estado, que é mínimo em investimento, tampouco costuma ser máximo em políticas sociais, de sorte que mesmo a qualidade da educação ofertada acaba por se pautar pelos interesses imediatos do mercado (Dalbosco; Cenci; Doro, 2023, p. 7).

Um outro fator importante, ainda relacionado ao impacto da abordagem neoliberal sobre a educação, é que ela estimula uma disputa entre as entidades educacionais, fazendo com que tais instituições se digladiem numa busca totalmente exagerada por resultados vinculados a rankings, propondo exames e testes com foco somente em passar por tais provas, deixando de lado o desenvolver do ensino voltado a uma educação crítica e reflexiva.

Deste modo, é perceptível a idealização de uma educação voltada ao mercado e as suas necessidades, o que pode dar destaque a estratégias que priorizem apenas habilidades técnicas, ao invés e promover uma educação que estimule a criatividade, que incentive a busca por transformar a realidade dos educandos, tornando-os questionadores.

O paradigma neoliberal afeta diretamente a qualidade e a estrutura da educação, pois favorece os interesses do mercado como premissa, estimulando a comercialização, privatização e competição, que são valores incompatíveis com a emancipação. Uma possível

consequência disso é a criação de um ambiente de negócios favorável a uma perversa polarização da educação: de um lado uma educação de elite, exclusiva para quem pode pagar por uma estrutura altamente qualificada e, de outro, uma educação periférica, de baixa qualidade, baseada em ensino remoto, isolado e despersonalizado. Uma educação menos inclusiva e, dentre outras coisas, incapaz de garantir a formação integral do alunado.

#### **4. O DISCURSO NEOLIBERAL DA EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE PARA O MERCADO**

O mundo hoje passa por profundas transformações de ordem política, científica, econômica e filosófica. Obviamente, os impactos dessas transformações se refletem diretamente no próprio conceito de educação que cultivamos como uma cultura política da sociedade em que vivemos. Se no passado havia uma disputa entre modelos liberais, sociais e comunistas de economia política, hoje parece que todos os modelos se esgotaram e a sociedade mundial se depara com uma crise de sentido político sem precedentes na história. Nos anos de 1960 os problemas da sociedade podiam ser atribuídos ao modelo liberal de economia, mas as experiências de modelos sociais alternativos ao liberalismo também demonstraram desafios igualmente duros nas experiências europeias. A queda do muro de Berlim em 1989 simboliza esse momento em que a alternativa liberal venceu a história. Uma vitória que duraria até a crise do *subprime* no mercado imobiliário norte-americano de 2008.

Desde então um efeito cascata ainda não muito bem compreendido desencadeou uma série de frustrações com o modelo neoliberal, que desencadearam oportunidades impensáveis, à época,

do retorno de ideologias de extrema direita nos principais centros de poder. Os fenômenos “Trump” que se seguiram aos efeitos dessa crise ainda estão sendo estudados, porque eles estão se repetindo em diversos países de tradições democráticas e liberais. Como se houvesse um esgotamento da confiança em modelos liberais e sociais de política (Sandel, 2023, p. 348; Thornhill, 2021, p. 59).

No campo da educação esse fenômeno não é diferente: a alternativa entre um conceito de educação voltado à emancipação do sujeito e outro voltado à capacitação profissional e técnica parece ter sido encerrada no debate político mundial sobre qualidade da educação. O discurso neoliberal afirma que a educação como emancipação se tornou sinônimo de ineficiência, porque os estudantes precisam aprender conteúdos úteis para o mercado de trabalho e não para uma formação abstrata incapaz de produzir valor econômico. Esse discurso neoliberal aparece assim na comunicação da sociedade: “a escola precisa formar os jovens para conseguir emprego, porque a formação em humanidades é inútil”. A educação como ensino profissionalizante, técnico, capacitador do estudante para o mercado de trabalho colocou em xeque toda uma história da pedagogia da autonomia, da liberdade e da emancipação.

A lógica neoliberal para a educação traz consigo a concepção de que a formação de pessoas deve ser voltada para o mercado de trabalho, propondo assim, a entrada de mão de obra apta à competição do universo capitalista (Marrach, 1996). Essa perspectiva destoa de uma educação problematizadora que preconiza ações que estimulem o educando a ser questionador e crítico da realidade na qual está inserido, ou seja, uma educação que busca a intelectualidade, liberdade e cidadania a partir de uma construção dialógica. E para isso acontecer, se faz necessário muito mais que apenas focar em técnicas

e/ou em estratégias de ensino que apontem para o discurso neoliberal, que sugere a meritocracia e a performance pessoal como pressupostos, sob a crença de ser a solução para melhores resultados. Sendo que, desta maneira o que se consegue é promover o individualismo e a competitividade ao invés da solidariedade e cooperação.

Mas também é preciso entender que tipo de meritocracia realmente é a que se configura sob a ótica neoliberal, pois quando se tem uma educação de qualidade para uma minoria que pode pagar, o tal mérito estará praticamente restrito a estes, em detrimento da maioria, que não terá nem de perto as mesmas oportunidades de estudo e trabalho, se acentuando assim, cada vez mais a desigualdade social. Para Viana e Silva (2018):

A meritocracia neoliberal criou um ambiente cruel em que cada pessoa é seu próprio embaixador, o único porta-voz do seu próprio produto e corretor de seu próprio trabalho, em um mar de competição infinito. Esse estado de coisas coloca no centro da vida moderna uma forte necessidade de se esforçar, realizar e alcançar, muito mais do que nas gerações anteriores (Viana; Silva, 2018, p. 2114).

Uma mão de obra qualificada é importante, mas uma formação integral que proporcione um aprendizado amplo e pleno, perpassando por todas as dimensões formativas é a ideal para todas as pessoas, que precisam ter as mesmas oportunidades desde a sua formação até buscar o seu trabalho. Somente assim, é possível vislumbrar uma meritocracia que traga igualdade e justiça social. Do contrário, só aumentará o abismo social que privilegia alguns em prejuízo dos demais, ampliando a disparidade das oportunidades e da qualidade de vida.

## **5. EMPREENDEDORISMO NA EDUCAÇÃO: UMA ESTRATÉGIA NEOLIBERAL**

O empreendedorismo na educação é mais uma idealização da visão neoliberal que se apresenta como solução para o desemprego dos

jovens e adultos. Assim, “[...] a educação passa a organizar-se por uma racionalidade neoliberal e as escolas definem seus quadros e currículos a partir de uma cultura empresarial da competitividade, inovação e concorrência para o mercado tecnológico e global” (Trevisol; Almeida, 2019, p. 203). Todavia, tal processo traz intrinsecamente aspectos que realçam além da busca pelo capital, a individualidade e a competitividade, o que vai reforçar mais e mais a desigualdade social como já dito anteriormente. Para Dardot et al.:

A teoria do capital humano aparece, dessa forma, no princípio de uma concepção exclusivamente econômica do agir humano, que sustenta o modelo normativo do empreendedorismo. Se cada indivíduo é responsável pelos investimentos que faz ou não faz, e então por seus sucessos, fracassos, é porque todo indivíduo se define pelo capital que constitui para si mesmo e que lhe cabe investir, fazendo sempre boas escolhas educacionais, de saúde ou nos planos profissional e matrimonial (Dardot et.al, 2021, p. 239).

Essa concepção empreendedora neoliberal, propõe entre outras coisas a sugerir e promover habilidades, metodologias e técnicas entre os educandos, entre as quais estão a inovação, a criatividade e a liderança. E a priori, tais abordagens aparentam ser estratégias interessantes, mas, na prática, se deslocam para intensificar o distanciamento entre os mais favorecidos e aqueles sem qualquer favorecimento. O fato é que, as oportunidades empreendedoras, são totalmente desproporcionais, enquanto quem pode escolhe, quem não pode, só aproveita o que sobra e que as vezes, é nada. E o que resta então é pobreza, exploração social e econômica, injustiça e marginalização social.

Além de que, ao se focar no desenvolvimento da individualidade ou no sucesso individual do educando, isso pode acarretar na ausência de solidariedade, como também na falta do espírito colaborativo, atingindo diretamente o trabalho em equipe. E assim, tais conceitos

baseados no empreender educativo neoliberal se descontextualizam, quando levamos em conta não apenas o bem-estar econômico, mas também o social e todos os seus desdobramentos.

Ainda dentro dessa perspectiva empreendedora, o lucro e a busca por ele, é também algo muito relevante e que merece atenções voltadas a tais aspectos, visto que, diversas ações empreendedoras na educação, são incentivadas pela questão financeira, deixando de lado tanto o fator qualidade na educação, como também a questão do bem-estar do educando. E partir daí, é onde temos mais uma grande preocupação, pois esse processo pode suscitar a mercantilização da educação, uma vez que, nessas condições, levará em conta, por exemplo, o potencial de lucro de um produto educacional, ao invés do que tal recurso poderia levar para o crescimento e/ou aperfeiçoamento do educando.

A perspectiva do empreendedorismo na educação, entre outros fatores como os já citados, pode mudar o foco de questões já negligenciadas, como é o caso de demandas vinculadas ao sistema educacional, tais como as relacionadas a ausência de investimentos, melhoria de estruturas, o trabalho do professor e a sua precarização e as ligadas a questão do acesso desigual. No entanto, a tal doutrina neoliberal empreendedora na educação, diante desses aspectos, propõe somente ações resolutivas individuais, sem levar em conta seu contexto geral e toda a sua organização, ou seja, a magnitude complexa da questão educacional.

Assim sendo, se faz necessário uma reflexão sobre tais ações do empreendedorismo na educação sob a estratégia neoliberal, buscando assim, ponderar o seu papel. E deste modo, procurar meios que suplantem a questão e o foco no lucro e que supere a competição exacerbada, promovendo aspectos de colaboração e de equidade,

propiciando justiça e responsabilidade social, incentivando o empreendedorismo, mas o empreendedorismo social.

## **6. RACIONALIDADE NEOLIBERAL E EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL**

O digital está inserido no nosso cotidiano concebendo diversos meios e maneiras de ações e oportunidades de se interagir nas mais variadas possibilidades dessa cultura recente, que se estende desde a comunicação até ao comportamento humano. Tais aspectos integram o conceito de cultura digital que se desenvolve com uso das TDICs pelas pessoas, e trata de como elas utilizam as plataformas e os dispositivos, como interagem, como produzem conteúdos, como compartilham e como consomem isso.

A expansão das tecnologias digitais foi condicionante para o surgimento do capitalismo de vigilância, onde as chamadas *Big Techs*, outras empresas do ramo de tecnologias e governos usam TDICs para se apropriar de informações pessoais que incluem dados sensíveis, restritos, que as pessoas acabam por repassar de forma gratuita quando preenchem algum cadastro e concordam com os termos de uso. Concordância essa sempre necessária, condicionante da utilização de algum serviço digital ou mesmo algum aplicativo. Essas informações são mercantilizadas de diversas formas, inclusive para serem usadas como experiências de dados comportamentais.

O poder dado a empresas e governos sob o paradigma neoliberal, desencadeia através da cultura digital um quantitativo imenso de informações de tudo e de todos, que favorece entre outras coisas a influência, a manipulação e o controle sobre as pessoas e instituições (Mühl; Zuin; Goergen, 2023). E essa junção entre a visão neoliberal e a utilização ampla dos artifícios processados através das TDICs, acarreta alterações tanto na questão dos saberes, quanto nas práticas do direito,

pois tem levantado questionamentos quanto aos riscos e os efeitos que tais recursos provocam aos direitos, sejam eles individuais ou coletivos (Koerner; Vasques; Almeida, 2019). Assim sendo, essa é mais uma grande questão que nos foi imposta pela evolução capitalista, e precisa ser analisada com muito mais atenção e cuidado, pois o que está em jogo são direitos fundamentais como privacidade, intimidade, honra e dignidade da pessoa humana.

Para Bortolazzo (2022, p. 13), “o sistema educacional mercantilizado, dessa forma, pode ser visto como resultado de uma política neoliberal que prioriza valores como livre escolha e competição e os coaduna às soluções tecnológicas”. No Brasil, é cada vez mais evidente que a lógica do mercado vem norteando desde práticas pedagógicas até reformas educacionais (Alves; Klaus; Loureiro, 2021). Tornou-se evidente que a expansão para o digital trouxe consigo a mercantilização do ensino. Por exemplo, o surgimento de vários cursos na modalidade de educação à distância, numa crescente onda de segregação entre, de um lado, poucas, caríssimas e exclusivas escolas de elite e, do outro lado, uma grande massa alunos em EAD de baixo custo, mas muito rentáveis para as empresas de ensino devido ao modelo de negócio de grande escala.

A mercantilização da educação vai ficando evidente, deixando de lado a socialização e a preocupação por uma formação crítica e reflexiva, pois as competências e habilidades no processo de ensino-aprendizagem, nessa concepção, privilegiam as demandas do mercado. Desse modo, a educação na cultura digital sob a égide do racionalismo neoliberal encontra-se em um processo de expansão intensa, mas é importante lembrar que, agilidade e rapidez nem sempre são sinônimos de eficiência, muito menos de qualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura digital vem trazendo diversos impactos e oferecendo várias oportunidades, mas quando vinculada ao neoliberalismo na educação, traz aspectos bastante controversos, contraditórios, paradoxais. Questões como a privatização do ensino, que diretamente acentua desigualdades, quanto o acesso a uma educação de qualidade; a criação de sistemas educacionais segmentados, que de certa forma vincula a qualidade do ensino à capacidade financeira, ou seja, a mercantilização do ensino; e o foco na competitividade e na avaliação, propondo uma espécie de ensino padronizado e ao mesmo tempo individualizado, acaba restringindo a ação pedagógica e a formação do aluno de maneira integral. Tudo isso são aspectos contraditórios que fortalecem as disparidades, sejam elas sociais, econômicas ou culturais.

As plataformas digitais emergem como elementos cruciais na convergência entre o paradigma neoliberal e a cultura digital na educação. Elas são pensadas nos ambientes de *grow up* do Vale do Silício, que associam educação com liberdade, personalização, organização em rede, aprendizagem ativa e colaborativa, quebra da autoridade do professor ou da escola e quebra também da relação hierárquica entre alunos e professores ou alunos e escola. Como sinalizado, essa cultura digital viabiliza a penetração de entidades comerciais no sistema educativo com plataformas pensadas justamente para transformar o ambiente escolar tradicional, baseado na leitura de livros, nas aulas de professores e na escrita, em ambientes digitais multimídias, repletos de estímulos dispersos, coloridos, atrativos, divertidos etc.

As pesquisas que avaliam os efeitos concretos na qualidade da educação e da aprendizagem, contudo, ainda são incipientes, mas as

poucas que existem já apontam sinais de que esse frenesi da cultura digital como sinônimo de progresso e inovação precisa ser melhor refletido e discutido, porque já há dados, como aqueles compilados por Desmurget (2019), de que essa cultura digital pode ser, na verdade, uma “fábrica de cretinos digitais” que ao invés de leitura e escrita, gastam seu tempo de infância e juventude em games e vídeos no Youtube e Tiktok, enquanto seus pais precisam trabalhar sem conseguir controlar adequadamente o excesso de tempo de tela. A questão é polêmica e sensível. A sociedade precisa refletir melhor sobre isso.

Apesar das paixões nos extremos da cultura digital, uns advogando pelas tecnologias de informação como a solução para todos os problemas da educação, contra outros as abominando como retrocessos, o fato é que as plataformas promovem uma reestruturação das metas educacionais, frequentemente direcionando-as para objetivos congruentes com as exigências do mercado. Esse fenômeno, por conseguinte, acarreta implicações substanciais na definição do propósito da educação.

A presença das corporações comerciais no contexto educacional, instigada pela ascensão das plataformas digitais, instaura dinâmicas que transcendem a disponibilização de recursos tecnológicos. Ela molda a delimitação das competências valorizadas no âmbito profissional, orienta as abordagens pedagógicas e redefine a própria essência de uma instrução eficaz. O entrelaçamento entre o paradigma neoliberal e a cultura digital na educação não apenas denota uma mudança nos meios de disseminação do saber, mas, sobretudo, reconfigura os propósitos educacionais, alinhando-os aos imperativos do mercado e ao ethos do empreendedorismo educacional.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, A., KLAUS, V., & LOUREIRO, C. B.. (2021). Do sonho à realização: pedagogia empreendedora, empresariamento da educação e racionalidade neoliberal. **Educação e Pesquisa**, 47, e226115. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147226115>.
- ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In: GENTILI, Pablo; SADER, Emir (Orgs.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 9-23.
- BERTAZI, M. H., & COLACIOS, R. D.. (2023). Educação Ambiental nas Lareiras do Capital: uma crítica à agenda neoliberal. **Educação & Realidade**, 48, e123264. <https://doi.org/10.1590/2175-6236123264vs01>.
- BORTOLAZZO, Sandro Faccin. **Das conexões entre cultura digital e educação: pensando a condição digital na sociedade contemporânea**. ETD - Educ. Temat. Digit., Campinas, v. 22, n. 2, p. 369-388, abr. 2020. Disponível em [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167625922020000200369&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167625922020000200369&lng=pt&nrm=iso). acessos em 10 nov. 2023. Epub 27-Jun-2021. <https://doi.org/10.20396/etd.v22i2.8654547>.
- BORTOLAZZO, Sandro Faccin. O Dilema das Plataformas e Redes Digitais: processos educativos, docência e neoliberalismo. **Cadernos De Educação**, Pelotas (RS), n. 66, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/2402> 6. Acesso em: 10 nov. 2023.
- CASTELLS, Manuel. **The Rise of the Network Society**. The Information Age. Cambridge: MA; Oxford: Blackwell, 1996.
- DALBOSCO, C. A., CENCI, A. V., & DORO, M. J.. (2023). UNIVERSIDADE E FORMAÇÃO NO CONTEXTO NEOLIBERAL. **Educação & Sociedade**, 44, e273155. <https://doi.org/10.1590/ES.273155>.
- DARDOT, P.; GUÉGUEN, Haud.; LAVAL, Christian., SAUVÊTRE, Pierre. **A Escolha da Guerra Civil**. Uma outra história do neoliberalismo. Tradução: Márcia Pereira Cunha. São Paulo: Elefante Editora, 2021.
- DESMURGET, Michel. **La fabrique du cretin digital**. Paris: Points, 2019.

FERREIRA, T. **Algo que se produz como um clarão**. In *Revista Educação – Lacan pensa a educação*, nº 9, ano II, p. 40-49, 2008.

FRANÇA, Tania; RABELLO, Elaine Teixeira; MAGNAGO, Carinne. As mídias e as plataformas digitais no campo da Educação Permanente em Saúde: debates e propostas / Digital media and platforms in the Permanent Health Education field: debates and proposals. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 43, n. Especial 1, p. 106-115, ago. 2019. DOI: 10.1590/0103-11042019S109.

KOERNER, A., VASQUES, P. H., & ALMEIDA, Á. O. de.. (2019). DIREITO SOCIAL, NEOLIBERALISMO E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO. **Lua Nova: Revista De Cultura E Política**, (108), 195–214. <https://doi.org/10.1590/0102-195214/108>.

IDELAND, Malin. Google and the end of the teacher? How a figuration of the teacher is produced through an ed-tech discourse. **Learning, media and technology**. Vol. 46, n. 1, p. 33-46, 2021.

MARRACH, S. A. Neoliberalismo e Educação. In: GUIRALDELLI JUNIOR, P. (Org.). *Infância, Educação e Neoliberalismo*. São Paulo: Cortez, 1996. p. 42-56.

MEANS, Alexander. Platform Learning and On-Demand Labor: Sociotechnical Projections on the Future of Education and Work. **Learning, Media and Technology**. Vol. 43, n. 3, p. 326–338. 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Cultura digital**. Série Cadernos Pedagógicos. Programa Mais Educação. Governo Federal do Brasil. s/d,

MÜHL, E. H., ZUIN, A. Á. S., & GOERGEN, P. L.. (2023). UNIVERSIDADE E FORMAÇÃO NA ERA DA CULTURA DIGITAL. **Educação & Sociedade**, 44, e273812. <https://doi.org/10.1590/ES.273812>.

SANDEL, Michael J. **O descontentamento da democracia**: uma nova abordagem para tempos perigosos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

STANKEVECZ, R. V.; BERTONCINI, M. A Meritocracia Neoliberal e o Desafio de Garantir a Justiça Social. **Revista do CEJUR/TJSC: Prestação Jurisdicional**, Florianópolis (SC), v. 9, n. 1, p. e0370, 2021. DOI: 10.37497/revistacejur.v9i1.370. Disponível em: <https://revistadocejur.tjsc.jus.br/cejur/article/view/370>. Acesso em: 13 nov. 2023.

THORNHILL, Chris. **Crise democrática e direito constitucional global**. São Paulo: Contracorrente, 2021.

TREVISOL, Marcio Giusti; ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de. A incorporação da racionalidade neoliberal na educação e a organização escolar a partir da cultura empresarial. *Revista Educação e Emancipação*, São Luís, v. 12, n. 3, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/12409>. Acesso em 01 de dez. 2020.

VIANA, Ana Luiza d'Avila; SILVA, Hudson Pacifico da. **Meritocracia neoliberal e capitalismo financeiro: implicações para a proteção social e a saúde**. *Ciência & saúde coletiva*, v. 23, n. 7, p. 2107-2117, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018237.07582018>. Acesso em: 13 nov. 2023.

ZUIN, Antônio A. S. **Cyberbullying contra professores: dilemas da autoridade dos educadores na era da concentração dispersa**. São Paulo: Loyola, 2017.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

SIMIONI, R. L.; SANTOS, E. B. dos; ANJOS, R. M. dos. Plataformização digital: um debate sobre neoliberalismo e educação na cultura digital. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 9, n.º 20, jan-jun/2024, p. 257-284.